

Língua e diversidade cultural nas Américas multiculturais

Walkyria Monte Mór

Resumo: Este artigo discute o ensino de língua estrangeira no Brasil reavaliando a concepção de cultura que o norteja. Baseia-se em uma pesquisa realizada no Canadá e apresenta resultados e reflexões sobre a inegável diversidade cultural das sociedades canadense e brasileira. Na medida em que o estudo sobre o fenômeno da diversidade vem se ampliando atualmente, ele ganha importância para os envolvidos na área, como professores de línguas estrangeiras, em suas aulas de língua, de estudos culturais ou de literatura, pois percebe-se que a questão não se limita às mencionadas sociedades.

A diversidade cultural vem, gradualmente, merecendo a atenção de muitos estudiosos e ampliando sua visibilidade na sociedade civil. Como em todo processo dialético, torna-se complexo identificar onde a questão se origina e se consolida, se parte da sociedade civil para a academia, ou vice-versa. Porém, as investigações acadêmicas e as publicações de artigos e reportagens em revistas e jornais nos apontam a percepção das Américas para as suas faces multiculturais e os inegáveis conflitos gerados ou assumidos em face de tal fato. Essa atenção e as implicações dela advinda se concretizam em pesquisas e reflexões, trazidas para o interior deste texto.

Esse fenômeno, descrito ora como uma nova preocupação social ora como tendência, veio se construindo dentro da história político-social do ocidente durante longos anos. Apresenta-se como novo, pois fez-se mais percebido recentemente. Porém, embora aparentemente novo, encontra-se em relatos e descrições cujas faces disfarçam as marcas de antigos problemas. A diversidade cultural não é nova. O que deve nos levar a refletir é a razão pela qual essa questão vem merecendo atenção cada vez maior de estudiosos.

Cultura e diversidade

Ao estudarem questões culturais, Sardar & Van Loon (1997) ressaltam a importância da compreensão sobre o que é cultura e o fato de que esta vem sendo, de tempos em tempos, redefinida, na tentativa de melhor espelhar a sociedade a que se propõe espelhar. Para que possamos perceber as mudanças, os mencionados autores apresentam conceituações sobre cultura que representam a sociedade desde a segunda metade do século XIX até os mais modernos tempos.

Sardar & Van Loon (1997) apontam que um dos conceitos mais antigos sobre cultura foi formulado pelo antropólogo britânico Sir E. B.

Taylor (1832-1917): *‘Cultura é um bloco complexo que integra conhecimento, crença, arte, moral, lei, costumes e outras capacidades e hábitos adquiridos pelo homem enquanto membro da sociedade’*.¹ Ao analisarmos o restante da seleção de conceitos apresentada pelos estudiosos, percebemos que o sentido da palavra vem evoluindo: *‘Cultura é um comportamento que se aprende de uma sociedade ou de um subgrupo’*² (Margaret Mead, antropóloga americana, 1901-78); Cultura inclui a organização da produção e das estruturas da família e das instituições que expressam ou governam as relações sociais, as formas características pelas quais os membros da sociedade se comunicam”³ “(Raymond Williams, 1966, um dos fundadores da disciplina Estudos Culturais, 1921-88); “Cultura é simplesmente um conjunto de histórias que contamos a nós mesmos sobre nós mesmos”⁴ (Clifford Geertz, professor de Ciências Sociais, Universidade de Princeton, 1926 --).

Nos quatro conceitos é possível acompanhar o jogo entre definição e controle em face da ambiguidade da questão. Um jogo no qual a definição busca delimitar o que a cultura não é de maneira a garantir aquilo que ela deva ser. As entrelinhas de Tylor podem estar nos dizendo que cultura não é algo simples, tem difícil acesso ou alcance; para Mead cultura não é uma

¹ Tradução da autora para: “Culture is a complex whole which includes knowledge, belief art, morals, law; customs, and other capabilities and habits acquired by man as a *member of a society*’

² Tradução da autora para: *Culture is a learned behaviour of a society or a sub group*”.

³ Tradução da autora para: Culture includes the organization of production, the structure of the family, the structure of institutions which express and govern **social** relationships. The characteristic forms through which members of the society communicate.”

⁴ Tradução da autora para: *Culture is simply the ensemble of stories we tell ourselves about ourselves.*

herança natural; para Williams cultura, da maneira que é tradicionalmente posta na sociedade, não é uma manifestação ou expressão espontânea e, finalmente, para Geertz cultura não é a construção histórica complexa na qual acreditamos ter tido participação passiva. Por contraste, as definições talvez possam nos levar a inferir que a cultura deva congregar conhecimento, crença, arte, moral, leis como reguladores de padrões a serem seguidos por aqueles que desejam ser membros da sociedade (Tyler); que a cultura deva levar o homem a compreender que integração cultural requer aprendizagem de comportamentos segundo padrões (Mead); que a cultura deva ser entendida dentro das relações de poder produzidas pelas estruturas familiares e institucionais (Williams); que a cultura deva ser vista como uma construção da qual todos participamos, logo temos responsabilidade sobre as histórias que construímos, ou deixamos construir, e sobre as que reconstruímos (Geertz).

O contraste entre os dois polos dos conceitos — um tido como dos mais antigos, aquele desenvolvido por Tyler, outro como um dos mais recentes, formulado por Geertz — fornece pistas mais claras sobre o mencionado jogo de controle naquilo que a sociedade estipula como cultura. Ambos conceitos originaram-se das influências da Era do Iluminismo e da Era das Incertezas, respectivamente. É compreensível, embora hoje menos desejável, que, em meados no século XIX —quando a humanidade reafirmava a sua organização social e, assim, defendia a sua necessidade por “um certo controle” — houvesse uma busca por padrões, regras, distinções entre o certo e o errado, enfim mecanismos que ajudassem a regular uma sociedade que pretendia seguir a prescrição do que vinha a ser civilizado e harmônico. As feições da cultura, então, foram “esculpidas” com a intenção de se transformarem em modelares para a sociedade; *modelar* no sentido de modelo, molde para uma sociedade que deveria ser lapidada, ser moldada para seguir os princípios do que se tinha como civilização.

Para tal, foi preciso eleger o caminho “certo”, no qual se ressaltava a predominância, o padrão, o modelo, o uno, o mono. Todos, através da história, sofremos as influências das predominâncias de pensamentos, crenças, valores. As preferências geravam-se em tomo de um certo tipo de filme, por exemplo; acreditava-se em **uma** verdade, no singular; não se esperava questionamentos sobre os valores postos pela sociedade. O mesmo se pode falar sobre os padrões a serem seguidos socialmente — de sucesso, de progresso, de comportamentos e relacionamentos aceitáveis e seus respectivos desejos e expectativas. Aprendemos a valorizar o que era *uno/uni e mono*; a uniformidade — externa e interna, desde a vestimenta até a maneira de pensar — a visão monolítica e a linearidade —, esta enquanto um tipo de organização de raciocínio. Enfim, padrões que convergiam para a possibilidade de controle.

O que vem caracterizando as últimas décadas, no entanto, vem a ser o fato de que a variedade, a diversidade, a divergência, a pluralidade de crenças, pensamentos, comportamentos e valores tornaram-se socialmente visíveis. Daí compreende-se talvez a razão de Geertz (op. Cit.) ter descrito a cultura dos tempos atuais com uma feição não acabada, uma vez que se compõe de histórias criadas e recriadas sobre seus participantes ou personagens.

Como resultado, no panorama cultural, vemos, por exemplo, maior acesso à variedade de filmes do ocidente e do oriente, embora boa parte restrita aos grandes centros. No que tange a pensamentos, comportamentos, crenças e valores, tem havido abertura para a aceitação de novos padrões — de beleza, de trabalho, de relacionamentos — assim como maior possibilidade de questionamentos — sobre modelos de casamento, modelos de sucesso, sobre as expectativas e desejos fabricados. Inegavelmente, a tecnologia provocou o desenvolvimento de processos mentais menos lineares (Lévy 1993, 1999). Compreende-se que as pessoas **não** vêem, nem interpretam o mesmo fato da mesma maneira e torna-se menos difícil conviver com esta possibilidade. Logo, a maneira de participação e integração na cultura passou a ser vista como variada, diversa, divergente, plural.

Sinais de conflito

Barker (1999) analisa o conflito da diversidade no mundo moderno sob a ótica da comunicação. Aponta a televisão e a globalização desta como dois fenômenos distintos que vieram a causar o denominado conflito. Os avanços tecnológicos da primeira e a expansão da segunda culminaram por revelar diferenças, antes desconhecidas, pouco conhecidas ou imaginadas; como resultado, exacerbou-se o desejo de controle sobre estas diferenças.

Barker (op. cit.) acredita que as distâncias geográficas que separavam as culturas foram encurtadas pela televisão, pelo rádio e pelos shopping centers nos centros cosmopolitanos. E interessante notar que o autor não menciona o advento da Internet na disseminação das informações culturais, pois sua pesquisa focaliza as influências da telenovela e seriados de TV na construção de identidade do jovem europeu. De qualquer maneira, ressalta Barker, hoje é possível saber sobre as culturas de lugares longínquos, saborear pratos exóticos ou típicos de culturas específicas, conhecer particularidades antes nem imaginadas. No passado, as culturas ficavam encerradas em seus territórios e as faces dos povos que a construía pareciam estar mais distintas. Conseqüentemente, as identidades se preservavam mais, na medida em que se misturavam ou se influenciavam

menos. A televisão teria despertado novos interesses, ao tornar conhecida uma determinada realidade, e possibilitado a entrada dos olhares de quaisquer interessados sobre as “novidades”.

Talvez reafirmando um conceito descrito por Derrida (1974) como contaminação — de que não há fronteiras entre os pensamentos; a comunicação entre idéias necessariamente envolve contaminação — as identidades, antes vistas de modo mais claro e definidor de seus respectivos rostos, passam a contaminar e ser contaminadas dentro do que veio a ser chamado de cultura globalizada. Segundo Barker (op. Cit.), se por um lado esta globalização cultural via televisão permitiu abrir as cortinas para espetáculos nunca antes assistidos, provocou uma crise na questão da identidade cultural, crise essa que vem sendo reforçada pela manipulação de poder e superioridade de algumas culturas sobre outras.

É possível que Barker esteja conferindo muito poder à disseminação da comunicação televisiva, esquecendo-se de que muito antes do advento deste meio, as identidades culturais já sofriam, reciprocamente, as contaminações e crises por conta dos projetos colonialistas., O geógrafo Santos (2000) refere-se às interferências de identidade e à desterritorialização causadas pelo comércio e conquistas praticados por diversas civilizações. Compara a diferença entre os fluxos lingüísticos comandados pela Grã-Bretanha e Estados Unidos, fatos histórica e socialmente conhecidos. Menciona que os britânicos buscavam conquistar regiões e zonas de diversos continentes em seu projeto de colonização; os americanos revelaram uma estratégia distinta, na qual percebe-se um fluxo mais localizado e preciso, que se impõe a um mundo artificializado, onde, então, “já não se faz necessária a presença de um colonizador” (Santos, 2000, p.16).

Em uma primeira conclusão, tendemos a achar que a questão *cultura* remete imediatamente à questão *identidade*. Por decorrência, quando se fala em diversidade cultural é comum que a correlação seja feita pelos termos *raça*, *identidade* e *diferença*, direcionando-se para a noção de **multiculturalismo**. Sardar & Van Loon (op.cit.) criticam esta noção por entenderem que esta vem sendo interpretada, na maioria das vezes, como uma convivência pluralista harmônica. Ou uma condição natural da existência humana. Assim, anulam-se a carga político-social e os decorrentes entraves inerentes a esse pluralismo. Acrescentam os autores, ainda, que os conflitos culturais relativos à identidade referem-se, freqüentemente, a raças e etnias, e, ao serem compreendidos dessa maneira, velam outros elementos das construções de identidade, como classes sociais, religiões, gêneros, sexualidade.

Língua e cultura

Quando procuramos compreender as relações entre língua e cultura somos levados a concluir que a questão cultural não tem sido abordada em sua amplitude. Até recentemente, o ensino de línguas estrangeiras se voltava para a sua natureza endógena — olhando para o interior dessa língua estrangeira, quase que vendo-a como um corpo, do qual se procura conhecer a massa de sua estruturação comunicativa, suas veias gramaticais e seus escaninhos de significado.

O contexto cultural, no entanto, que fortemente apela pelo espaço que lhe é devido nos estudos contemporâneos sobre língua, ressalta uma outra natureza exógena, nem sempre focalizada nos referidos estudos. Uma natureza que legitima a existente ação, relação e ligação do interior da língua estrangeira com a sua exterioridade. Exterioridade que, dialeticamente, também é a sua interioridade; interior e exterior que tecem a interrelação entre língua e os condicionantes culturais que a ela conferem oscilantes contornos de significação e interpretação. Retomando a analogia feita sobre a língua estrangeira vista como um corpo, a dialética *endógeno-exógeno*, *interior-exterior* representa a compreensão da interação desse corpo em seu meio. Um meio com traços marcantes da diversidade que, então, merece (carece?) ser melhor conhecido ou investigado.

Acredito que as minhas asserções a respeito da diversidade cultural no Canadá remetiam, no início da pesquisa, à questão da identidade cultural dos falantes da língua inglesa, quer canadenses quer imigrantes, tendência apontada por Sardar & Van Loon (op.cit.), citada anteriormente. A noção mais visível proporcionada pelo multiculturalismo canadense parecia ser a de uma multiplicidade bem sucedida de raças e identidades. É possível que a menção a seu relativo sucesso seja justa. No que tange ao fato de essa multiplicidade se limitar a raças e identidades, porém, as observações conduziram a uma outra análise, ao incluir mais um conjunto de elementos: identidade, inclusão e exclusão.

Simon⁵ vê os conflitos referentes à diversidade cultural disfarçados sob a máscara da identidade das raças. Acredita que as pessoas se detêm sobre a busca de compreensão de suas próprias identidades ou da preservação delas, sem que estes fatos representem o cerne da problemática. Seria como se uma pessoa procurasse compreender quem ela é e o que caracteriza a sua identidade e, finalmente, ao alcançar o seu intento, caísse em um vazio por não saber o que fazer com as suas conclusões. Acrescenta que vê essa busca como uma característica de uma determinada época e que

⁵ Roger Simon, Universidade de Toronto, professor entrevistado.

a própria história social mostra que tal preocupação está imbuída de um sentimento individualista. Para Simon, o principal conflito da diversidade vem a ser o da exclusão. Mais relevante do que a identificação de uma pessoa seria entender as razões pelas quais ela é incluída ou excluída de determinado grupo ou sociedade.

Creio que esta asserção abre uma perspectiva interessante para a análise da diversidade. Durante anos, fomos muito expostos ao debate sobre a identidade cultural, principalmente dentro da área do ensino de línguas estrangeiras. De certa maneira, o debate conscientizou pessoas envolvidas. Talvez, não na extensão desejada por seus proponentes, pois, antes de alcançar os resultados esperados, o debate envelheceu. Muito antes das pessoas responderem a si mesmas “*Quem sou eu nessa sociedade multiracial?*”, o multiculturalismo se tornou uma “discussão fora de moda”. Teria sido pelo fato de levantar uma questão individualista, que, mesmo quando respondida, não mudava a participação da pessoas em seus meios sociais? Em caso positivo, a visão de Simon coloca um novo sentido na investigação, por encaminhar uma proposta que oferece um outro ângulo para a análise do maior ou menor espaço de participação do indivíduo em seu grupo.

Ainda, acerca da identidade, encontrei outros depoimentos instigantes. Toohey⁶, especialista em educação, especificamente em formação de professores, tem desenvolvido pesquisa etnográfica sobre o ensino formai, com enfoque nos filhos de imigrantes no Canadá. Vem observando a construção de identidades das crianças estrangeiras e conclui que, neste caso, a identidade é intrinsecamente ligada à aceitação e assimilação de pessoas em seus grupos. Afirma que em sua região no Canadá., os chineses e indianos representam, percentualmente, a grande concentração de imigrantes. Utiliza, então, estes dois grupos étnicos para explicitar sua visão sobre identidade e assimilação.

Dentre os dois, Toohey crê que os chineses imigrantes no Canadá sejam melhor sucedidos. Acredita que a razão para tal se deva ao fato de que eles fazem mais concessões dos valores que trazem em suas bagagens culturais de vida em prol de terem maior aceitação e, conseqüentemente, sentirem-se bem em um novo país, um novo lar”. Ela acredita que eles sejam mais desprendidos e, com menor dificuldade, revejam os comportamentos e pensamentos normalmente esperados dos asiáticos. Acrescenta, também, que há certos imigrantes chineses que vêm construindo uma espécie de “identidade internacional”. Esta se caracteriza por uma ausência de

⁶ Kelleen Toohey, Universidade Simon Frasier, Vancouver, professora entrevistada.

identidade específica, uma vez que não há o assentamento definitivo dessas pessoas em um lugar definido. Muitos são executivos que, com o advento das novas tecnologias, vivem em trânsito e não se sentem pertencentes a, ou participantes de, nenhum grupo cultural específico. Este sentimento reflete-se na maneira que as crianças, quer nascidas no solo canadense quer chinês, porém já estabelecidas em Vancouver, sentem-se familiarizadas nesse novo ambiente e se mesclam com os outros”.

Quanto aos indianos, Toohey também os percebe bem sucedidos no Canadá. Porém, acredita que estes enfrentam maior dificuldade de aceitação. Esclarece que muitos dos indianos que se estabelecem no oeste canadense são os *panjabis*, para quem as tradições devem ser guardadas onde quer que estejam. Como forma de preservá-las, conservam não só hábitos e crenças; também as vestimentas, inclusive turbantes. Este tipo de preservação vem a ser entendido pelos canadenses como uma barreira aos valores do país hospedeiro. Decorrentemente, propicia menor interação dos indianos em seu novo país.

Estas descrições de Toohey fornecem bons elementos para análise. Possibilitam refletir sobre a convivência entre os valores orientais e ocidentais e o jogo de poder implícito nela e, também, trazer a conclusão de Simon para a análise das mencionadas descrições. Nos dois casos, até onde deve ir a preservação de tradições ou a concessão de valores na convivência multirracial? Como se assimilar ou conquistar inclusão em terreno estrangeiro? A tese sobre a compreensão das razões da exclusão e da inclusão social se fortalece e revela-se como uma necessidade preponderante quando se trata de diversidade.

Identidade e autenticidade

Os depoimentos de Goldie⁷ sobre o tema convergem para alguns dos dados obtidos com outros entrevistados. Um deles refere-se à assimilação dos chineses no Canadá. Goldie analisa a diversidade contrastando a situação canadense com a americana. Acredita que, até recentemente, nos Estados Unidos o quadro racial se apresentava como uma questão de brancos e negros, apenas, embora houvesse a presença de outras culturas imigrantes. O Canadá, no entanto, teria assumido as suas multirraças, o seu multiculturalismo, há muitas décadas. Goldie não nega que haja uma visão mercadológica voltada para a imagem que o Canadá quer que o mundo tenha

⁷ Terry Goldie, Universidade de York, professor entrevistado.

dele enquanto país, mas que, em última instância, a diversidade cultural canadense vem recebendo a atenção de governos e da sociedade civil.

Goldie acrescenta, contudo, um novo elemento para a reflexão a respeito do tópico quando retira o foco sobre a identidade e se volta para a autenticidade. Entende que, com frequência, a busca de preservação de identidade acontece dentro de limites daquilo que se imagina ser autêntico. Uma exemplificação disso seria os imigrantes tentando proteger seus valores autênticos da contaminação do estrangeiro. No entanto, o citado estudioso crê que esta autenticidade seja merecedora de desconfiança, uma vez que a identidade não é impermeável às influências alheias.

Goldie ilustra sua fala mencionando as minorias indígenas com quem desenvolveu trabalhos. Um desses trabalhos se resume na publicação de obras de autores indígenas, uma forma de estes terem suas vozes ouvidas, literariamente falando. Mas, no que se refere à identidade cultural autêntica, afirma que nem mesmo seus alunos índios, normalmente vistos como os autênticos canadenses, vêm-se dessa maneira. Conclui ser difícil para uma pessoa se considerar autêntica, pois dentro de seu próprio *habitat* a identidade é mutante. E mais influenciável ou vulnerável ainda esta se torna no contato com outros ambientes.

Outra colocação feita por Goldie refere-se à maneira que a questão diversidade se apresenta. Julga que para ser melhor compreendido, o fenômeno precisa ser analisado em sua diversidade de classes. Assim, teremos melhor noção sobre a participação social dessas várias etnias na sociedade canadense, pois as questões de classe são, em grande parte, dissimuladas pelas questões culturais. Por trabalhar com grupos representantes de minorias no Canadá, conhece vários casos de fracassos em situações favoráveis ao sucesso. A de um jamaicano, por exemplo, que fez pós-graduação e obteve grau de mestre; quis ser professor e não conseguiu emprego. Por consequência, entrou para o trabalho marginal, fato que poderia ter sido evitado se tivesse tido a oportunidade que procurava dentro de sua qualificação profissional.

Considero pertinente refletir a respeito da *autenticidade* para o amadurecimento sobre a questão focalizada. Entendo ser possível resgatar a teoria sobre a *contaminação* (Derrida op. Cit.) para discutir autenticidade. Talvez não faça mais sentido pensar em identidade “autêntica”, uma vez que somos permanentemente contaminados pelas culturas daqueles com os quais convivemos ou interagimos. Principalmente em uma sociedade onde a comunicação se globalizou, conforme aponta Barker (op. Cit.), deixando poucos muros a serem ultrapassados para se conhecer o que está guardado em seus interiores.

Cultura e poder

Heller⁸ analisa a temática por mais um outro ângulo. Não entende que a diversidade cultural represente uma ameaça lingüística. A composição social do país, por necessidade político-demográfica, já nasceu agregando culturas de diversificadas imigrações. No centro dessa questão vê a luta de poder entre minorias e maiorias, onde o principal embate se trava entre o Canadá francês e o Canadá inglês. Fica implícito no discurso de especialistas, e não especialistas, que está no Canadá inglês o cenário onde a diversidade se centraliza e é analisada. A professora entrevistada acha que as referências feitas ao tema dificilmente se aludem aos canadenses franceses e isto não se deve à ausência da pluralidade *Quebecois*, termo referente aos francofônicos. Ilustra a sua fala mencionando que os Ontarianos pensam em diversidade como se fosse uma questão anglofônica. Para ela, estes normalmente não se lembram do território francês. Seria como se já houvesse uma separação extra-oficial entre os “dois Canadá”. Um sintoma disso se visualiza através dos plebiscitos ou referendos que vêm acontecendo nas últimas décadas. Demonstrem um conflito de sentimentos e desejos a respeito da independência do Canadá francês do inglês. Uma separação aparentemente mais interessante para os franceses, por afirmação política e reserva cultural, do que para os ingleses. Acrescenta Heller que exatamente esse discurso esconde o jogo econômico de forças entre as culturas inglesa e francesa. Exemplifica este jogo mencionando que a maior parte da produção canadense é consumida pelos Estados Unidos e que uma separação ou divisão significaria perda para os majoritários, no caso os canadenses ingleses.

Outra tensão apontada por Heller trata de um certo paradoxo vivido pelo Canadá. Ao mesmo tempo que este reconhece a sua potência como país, em termos econômicos, de qualidade de vida, de soluções educacionais e cuida de passar essa boa imagem para o mundo, sofre de certa impotência em face da presença forte dos Estados Unidos no mesmo continente. Seria, em analogia feita por Heller, como se o Canadá compartilhasse da mesma cama com um gigante; um gigante não adormecido; um gigante muito ativo. Logo, Heller parece nos dizer que a questão remete-se mais a problemas de **afirmação** de identidades do que de **construção** de identidades.

Ao analisar a sociedade canadense, Hiller (1996) apresenta pontos de concordância com o citado depoimento de Heller. Também acredita que a participação geográfica dos Estados Unidos no mesmo continente lance muita influência na identidade canadense. Na busca de sua diferenciação do

⁸ Monica Heller, Universidade de Toronto, professora entrevistada.

poderoso vizinho, o Canadá nutre uma mistura de sentimentos opostos em relação aos Estados Unidos: desde uma grande atração até uma forte rejeição. No que tange à construção de identidade nacional, Hiller (op. Cit.) descreve que os canadenses se interessam por uma identidade distinta da americana, no que concerne tanto aos sentimentos quanto à imagem que outros fazem deles. E não poderia ser diferente, levando-se em conta as especificidades de sua história. A identidade americana teria se consolidado por meio de um sentimento patriótico, alimentado pelas participações em guerras de onde geraram-se heróis, ídolos, o orgulho da pátria.

O aspecto salientado por Heller representa mais um significativo elemento de análise, já esperado nesta pesquisa. Conforme estudiosos da cultura, essa temática jamais poderia ser desvinculada da questão do poder. A entrevistada descreve uma manifestação do poder no pluralismo, o econômico, ilustrando que a visão da diversidade cultural enquanto convivência harmônica representa mais um desejo do que uma realidade social. “*A cultura é um elemento da política*”, conforme afirma Feijó (1983), e o poder inerente à política também o é à cultura. Esta é uma certeza que deve estar bem visível na compreensão desse painel cultural.

Gênero, alteridade e identidade nacional

Kadar⁹ contribui para o estudo da diversidade cultural apresentando-lhe mais um ângulo: a questão do gênero feminino, enquanto uma dentre as múltiplas culturas encontradas em toda sociedade. Nesta etapa da discussão, portanto, é possível rever o conceito tradicional de diversidade, mencionado anteriormente, o qual apresentava-se confinado aos seus limites de raças e etnias.

Para Kadar, na pluralidade em que se vive, alguns valores acabam por ser sobrepujados por outros. Na sociedade que tende a reforçar o poder ou domínio tradicional, várias vozes são marginalizadas, ou até mesmo silenciadas, como é o caso de grande número de imigrantes e mulheres no Canadá. Por esta razão, em sua função de editora de livros, participa de um projeto¹⁰ que visa divulgar biografias e autobiografias de pessoas sem a obrigação de que essas pertençam ao círculo literário ou que desfrutem do reconhecimento de público e crítica nacional. Por meio de tal proposta, cuja prioridade são manuscritos de autores que não tiveram acesso a publicações,

⁹ Marlene Kadar, Universidade de York, professora entrevistada.

¹⁰ Projeto intitulado *Life Writing Series*, Wilfried Laurier L'University Press.

Kadar organiza uma Literatura de Imigrantes e dá voz a uma minoria cujas histórias tenderiam a passar despercebidas ou seriam pouco conhecidas. O projeto tem sido bem recebido pelo público canadense e a editora acredita que esse resultado se deva aos propósitos do mesmo. Ele sensibiliza o interlocutor, ao estabelecer identidade entre as vidas do leitor e do escritor, ao possibilitar que ele, em um processo de alteridade, leia e reflita sobre o seu próprio trajeto de vida através do trajeto do outro, que, muitas vezes, lhe é mais semelhante do que a de um renomado escritor.

Além desse fato, a entrevistada entende que o projeto provoca, no mínimo, uma inquietude no campo literário, ao suscitar a discussão sobre o que é aceitável ou não como Literatura. E no campo dos Estudos Culturais, provoca uma reflexão sobre a questão da identidade nacional.

Existe atualmente um grande número de estudos sobre o feminismo e sobre a mulher no mundo contemporâneo. O projeto que vem prestigiando autoras, este apresentado por Kadar, destaca-se por dar à mulher um tratamento delicado, sem que essa delicadeza seja vista como fragilidade, na avaliação negativa que a palavra possa ter. Representa um espaço para a mulher “comum” compartilhar a sua história de imigrante, ou de filha/neta de imigrantes, com outros “comuns” que certamente percorreram caminhos parecidos até o Canadá. Significa, também, ser ouvida dentro de uma sociedade que, por tradição de reafirmação do poder masculino, pouca atenção espontaneamente lhe dedicaria.

Aliás, a respeito do termo “comum”, Brodie (1994) fala sobre as contradições de seu uso, principalmente porque é relacionado a “Canadense comum”, uma espécie de ordem emergente em sua sociedade. Para ela, nenhum cidadão é comum; “*todos somos, de uma maneira ou outra, especiais*”, afirma. Este depoimento é dado dentro de seus estudos sobre os movimentos feministas no Canadá, movimento esse que destaca a luta da mulher por inclusão em determinadas estruturas sociais nas quais ela se encontra em desvantagem. Brodie (op. Cit.) chama atenção para o binarismo *comum x especial* no discurso que aborda as diferenças de gênero no Canadá. Nesse discurso, há menção tanto ao cidadão **comum** quanto aos grupos de interesse especiais. O fato de ambos adjetivos serem usados para descrever os canadenses, culmina por acentuar as diferenças, uma vez que implicitamente sugerem que uma parcela de comuns que pode atender a suas próprias necessidades, logo são especiais, e outros que se encontram à margem dessa participação. Para estes marginalizados, o termo “especiais” vem a ser depreciativo, pois refere-se àqueles que não se encontram em condições igualitárias a outros.

Ainda sobre terminologias voltadas a prestigiar aqueles que carecem de seu devido reconhecimento de cidadania, Hiller (op. Cit.) também critica

o uso de *citizens plus*¹¹ aplicado para os aborígenes. O termo data de 1966 e referia-se aos nativos como ‘*cidadãos como outros quaisquer, mas que têm direitos históricos especiais*’ <Hawthorne, 1966-67). Nesta menção estaria contida a idéia de uma antiga prática de que os aborígenes teriam direitos especiais, devido a uma política de compensação por eventuais prejuízos materiais, culturais e sociais, e, ao mesmo tempo, direitos a menos: o de votar e o de obter empréstimo, devido à indisponibilidade de suas reservas para a transação comercial. As observações de Hiller reforçam a interpretação de que a denominação *cidadão mais* pretendia apoiar moralmente um grupo que socialmente não gozava da mesma participação que outros.

Sobre a formação de identidade ou de identidade nacional, Hiller apresenta várias contribuições quando analisa a identidade canadense. Dois princípios, porém, erem ser destacados para a conclusão desta reflexão: a identidade não é imutável e não evolui para se consolidar em uma forma rígida; "ser ruma identidade J" implica muitos pontos de vista. Em publicação editada por Kadar, Buss/Clarke (1999) corrobora com esse princípio, ao expressar sua identidade canadense. Descreve-a de maneira bastante particular, comparando-a com uma construção única, uma história pessoal, uma autobiografia.

“Some days now I feel like the only Canadian. Some days I feel like the last Canadian. Some days I feel that being a Canadian is impossible. I like to think that all of these feelings are essential to being a Canadian. Every Canadian must feel this alone. All Canadians must feel that their own personal history is the one that makes them Canadian and since no one else has had quite the same history, they live alone in their Canadian identity. When we talk of being Canadian we speak flot of national myths, but of our own lives. To be a Canadian is to be an autobiographer”. (Buss, H. /Clarke, M., **Memoirs from Away**, Life Writing Series, p. 2)

Consciência da diversidade

Estudar a diversidade cultural permitiu-me perceber que, na tessitura dessa pluralidade, entrelaçam-se linhas bastante aparentes, fáceis de serem percebidas por aqueles que a olham e vêem. Seriam as distinguíveis linhas das raças, das etnias, dos gêneros, das minorias e seus devidos ou

¹¹ Tradução da autora: *cidadãos especiais*’.

respectivos conflitos. Há, porém, em meio a essas, linhas fortes, porém menos perceptíveis, que fortemente alinhavam ou arrematam o quadro descrito e sustentam esse painel cultural. Refiro-me às questões que ao longo da pesquisa suscitaram uma reflexão mais detida: identidade, inclusão e exclusão, autenticidade, poder, gênero, alteridade.

Pareceu-me, a certa altura dos estudos, que a preocupação central dos mesmos deveria se voltar para o grau de consciência a respeito das questões que subjazem ao conflito multicultural. Perguntava-me, então, se a presença de forte pluralidade gerava maior nível de consciência sobre as diferenças e ações por parte dos diversos grupos para a preservação ou ampliação de seus espaços junto aos demais, na sociedade canadense. Atentei para os sinais que poderiam vir a me indicar a existência de maior ou menor consciência sobre o interior desse panorama, no cotidiano do meio que observava. Encontrei em jornais, em cartazes nas estações de metrô e em murais dentro dos trens de metrô, em literatura feminina, em literatura indígena, sob a forma, respectivamente, de colunas escritas apenas por mulheres, campanhas por direitos de cidadania, manifestações de olhares e perspectivas, clamor de vozes.

Dentre os mais impactantes, ressalto dois cartazes sobre problemas referentes à diversidade cultural. Ambos apresentavam campanhas de conscientização sobre as diferenças.

O primeiro deles mostra uma mulher em avançada gravidez; sua barriga é focalizada na foto e sobre essa lêem-se os dizeres: “***Não era um gay ou uma lésbica que você esperava; era um filho***”¹². Neste caso, a diversidade cultural abordada é a sexualidade, um dos aspectos que nem sempre é incluído dentro do multiculturalismo, conforme anteriormente apontaram Sardar & Van Loon (op. Cit.). Retomando a crítica destes autores, confirmamos o que eles indicam ser uma das limitações dos estudos multiculturais, que seria a exclusão de certas questões, como é o caso de gênero, sexualidade, religião e classes, do interior dos estudos culturais. Logo, o mérito da campanha apresentada no cartaz mencionado é de tornar visível uma questão da diversidade, promovendo reflexão a respeito.

O segundo cartaz mostra uma jovem senhora, casada ou envolvida com um parceiro, provavelmente de classe média, bem vestida, usando algumas jóias. Há setas mostrando, intercaladamente, as diferentes peças de jóia e hematomas em várias partes do corpo da mulher. Na ponta de cada seta, as inserções: ***Bem-me-quer*** (ligando aos brincos), ***mal-me-quer***

¹² Frase original: “*You were never expecting a gay or lesbian child*”. Tradução da autora.

(indicando um hematoma); *bem-me-quer* (mostrando um colar), *mal-me-quer* (um outro hematoma); *bem-me-quer* (agora indicando as pulseiras), *mal-me-quer* (mais um machucado). Hé, no cartaz publicitário, um deliberado jogo de palavras em alusão a uma brincadeira infantil e um relacionamento conflituoso. A brincadeira é bastante conhecida entre jovens: nela um(a) garoto(a) despetala uma flor chamada “**bem-me-quer-mal-me-quer**” com o desejo de que a flor lhe revele se a pessoa querida também lhe quer bem. A publicidade, no entanto, parece se referir aos casos de maltratos e compensações materiais nos relacionamentos, pretendendo conscientizar sobre a violência doméstica e incentivar as mulheres a denunciarem-na, quando vítimas.

Interpretei que os cartazes representavam indicações ou presença de conscientização sobre as diferenças. Campanhas de esclarecimentos ou de geração de sentimento de tolerância às divergências caracterizam culturas que visam ao constante desenvolvimento de cidadania. Mérito para a sociedade que dá esse tipo de tratamento a seus próprios conflitos. Contudo, vendo por outro ângulo, acrescento que tais medidas, visando esclarecimentos ou conscientização, apresentam vantagens não só para os cidadãos, como também para os governos que as adotam. Resultam na construção de uma imagem favorável a eles. Creio, não obstante, que a menção à segunda vantagem não diminui o valor das campanhas expostas.

Retornando Hiller (op. Cit.), constatei que a questão da diversidade cultural é, com frequência, confundida com a política do multiculturalismo¹³. Segundo este estudioso, o Canadá é questionado por adotar duas línguas oficiais e conferir igualdade de valor à sua pluralidade de culturas. Ele, entretanto, não crê que haja a referida igualdade, uma vez que há pressões para que quaisquer outras culturas que não sejam de origem inglesa ou francesa venham a se assimilar a uma dessas. Aliás, no processo de assimilação, grupos étnicos acabam por perder suas características em prol da adequação ao grupo predominante, no caso, o inglês. Mas, acrescenta o citado autor, o multiculturalismo seria um efeito psicológico, pois dá confiança às pessoas sobre as suas identidades multiculturais, assim buscando disseminar o respeito pelo outro, a disposição para compartilhar idéias, atitudes e crenças. No entanto, a contradição dessa política é a de que ela cria uma ilusão da preservação cultural das minorias étnicas. Tal preservação representa apenas uma vivência nostálgica, uma vez que não se integra no cotidiano da sociedade canadense e serve para reforçar o status do

¹³ Política do multiculturalismo: introduzida em 1971 no Canadá pelo governo federal. Defendia o bilinguismo, dentro de um quadro multicultural. Valorizam as diferenças étnicas possibilitando maior aceitação da questão das etnias.

grupo dominante. Afinal, o multiculturalismo, segundo Hiller (op. Cit.), não facilita que os grupos sejam o que são; ao contrário, prescreve o que eles deveriam ser, como condição de participação em uma sociedade.

Afinal

Creio ser justo afirmar que a presença de trabalhos que conduzem à reflexão ou que promovam a conscientização, como as mencionadas publicidades, representa um avanço na discussão sobre o que significam os valores culturais para uma sociedade.

Quanto à relação entre diversidade cultural e ensino de línguas, ela se apresenta em uma infinita dimensão. No caso da diversidade pesquisada trata-se do Canadá anglofônico, onde pessoas em sua pluralidade cultural se expressam através de uma língua, a inglesa. Esta é, então, uma e várias, ao mesmo tempo. Considerando-se as influências culturais nas quais a língua constantemente se reconstrói, em meio às diferenças que a constituem, no exercício das comunicações. Esta percepção reforça que um ensino se torna limitador quando se restringe a focalizar a língua como se ela fosse apenas uma edificação estrutural da qual se pode tomar posse. Conforme Barker salienta (op. Cit.), a língua viabiliza a expressão dos significados, mas é a cultura a geradora de elementos que nos possibilitam construir tais significados.

Afinal, ampliar a consciência sobre as questões subjacentes à diversidade com a qual interagimos pode representar um grande exercício de reflexão, bastante necessário em nossa prática profissional ou em nosso cotidiano.

Referências bibliográficas

- HILLER, H. H., 1996, *Canadian Society: A Macro Analysis.*, Carborough, Ontario, Prentice Hall Canada mc.
- BRODIE, J., 1994, *Politics on Boundaries: Restructuring and the Canadian Women 's Movement*, North York, York University, Robarts Centre for Canadian Studies Lecture Series.
- BARKER, C., 1999, *Television, Globalization and Cultural Studies*, Philadelphia, Open University Press.
- BUSS, H. I Clarke, M., 1999, *Memoirs from Awav, A New Found Land Girlhood*, Waterloo, Ontario, Wilfrid Laurier University Press.
- HAWTORNE, H. B., 1966-67. *A Survey of Contemporary Indians of Canada*, Ottawa: Indian Affairs Branch.
- SANTOS, M., 2000, "O Tempo Despótico da Língua Universalizante" in

Folha de São Paulo, Caderno MAIS!, 05/11/2000, p. 16-17, São Paulo.

SARDAR, Z. & Van Loon, B., 1997, *Cultural Studies for Beginners*, Cambridge, Icon Books.

LÉVY, P., 1993, *As Tecnologias da Inteligência*, Rio de Janeiro, Editora

LÉVY, P., 1999, *Cibercultura*, Rio de Janeiro, Editora 34.

WILLIAMS, R., 1966, *Culture and Society*, Londres, Penguin Books.